

## O POETA E OS ESCRAVOS

*Nonato de Brito*

*(Em comemoração do Centenário de Morte do grande poeta brasileiro — Antônio de CASTRO ALVES — 1871-1971)*

EM FRENTE, a floresta era um imenso seio de esmeralda trespassado pela seta de cristal de um rio a correr, o dorso eriçado de fagulhas de arco-íres às carícias tépidas do Sol.

No terraço da grimpá, como bandos de meninas carnavalescas, dançavam fiôres colhendo insetos impregnados de núpcias.

Trançando por entre elas, no jôgo dos quatro-cantos e a trituração no bico fragmentos de alegria, movidos por artísticas mãos invisíveis, os bilros ornitológicos teciam a túnica musical daquêles pênseis jardins.

Mais além, na longínqua parede do horizonte, se desenhava o espinhaço anilado de uma serra e a haste do seu píncaro desfraldava no cimo da paisagem, feita da cambráia das núvens transeuntes, a bandeira eucarística da paz.

A espalhar ternuras pelo ambiente, de vez em vez um ventozinho travêso vagabundava por ali, massanhando a cabeleira das árvores, que exibiam dengosas os brinços de ouré dos frutos sazonados, enquanto atrás se via o mar, o qual, dando aspecto de gigante fabuloso que se fôsse erguendo de seu leito de mistérios profundos, bocejava com roncos e estrondos e retesava os músculos verdes e colossais de ondas, para depois limpar na toalha da praia a saliva de gêsso dissolvido.

Que Giotto milionário de beleza. Não havia ali um só lugar em que não se visse instalado um empório de côres, de luz, de sons e de perfumes, perpétuos ingredientes do êxtase e do sublime. E o laureado vulto que o contemplava, fechava os olhos tintos de Éden, na ilusão de guardar dentro de si, no

delicado escrínio do pensamento, todo aquêles colosso caído, certamente, do mais apaixonado sonho do Criador, para se metamorfosear aqui na Terra em inmorredouro poema de oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados, oito milhões e quinhentos mil quilômetros quadrados de delicias e emoções.

Não seria nem de estranhar se cuvissem de repente, no fôfo tálamo da grama que orlava a mata, os primeiros beijos de Adão e Eva, em plena colheita do amor...

E, de fato, neste momento estalos próximos se fazem perceber, erradicando o vate da sua preciosa contemplação.

Correu então a vista em volta de si mas o seu olhar, ungido pelos encantos do panorama de ha pouco, mancharva-se inesperadamente em cena tão cruel e horripilante que nenhuma imaginação seria capaz de conceber. Dir-se-ia pintada pelo próprio Satanás, no afã de borrar a grandiosa obra do Criador.

Os estalos emitidos não se tratavam, pois, dos primeiros beijos biblicos que povoaram o mundo, mas, bem ao contrario, apenas o relho do feitor descendo impiedosamente contra as costas indefesas de multidões de escravos, que gemiam ao fogo solar, enxada em punho, trabalhando o solo que não lhes pertencia.

Eram mais servos, adiante, suando também nas queimadas e na moenda, ao passo que outros, vergados sob fardos de proporções desumanas que a lei das comunidades não se dera ainda conta de avaliar, marchavam penosamente, sangrando os pés no pedregulho dos caminhos.

Eram velhas mães pretas, pobres êmulos de Jô, consumindo-se ao pêso das mais variadas tarefas, míseras de qualquer assistência, quer pelo terreiro das senzalas, corcundas sôbre almofadas, fabricando a faceirice das patroas, quer pelas casas-de-farinha, na raspagem de mandioca, no pilão ou na peneira, quer pela beira dos rios, esmerando-se na limpeza de montões de casimiras, linhos e cetins, para maior realce à figura dos seus senhores nos bailes de delirios babilônicos, ou nos freqüentes passeios pelos bosques vicejantes da Volúpia.

Lá uma e outra ainda conseguia surrupiar breves instantes do comprido e enfadonho expediente a fim de acercar-se dos netos herdeiros de suas lides e entretê-los com histórias ora alegres, ora bem tristes do seu torrão pós-ocênico.

Era, em suma, vasta selva de braços luzidios e sofridos, lembrando negras serpentes a se movimentarem ser-

parar, não lhes assistindo sequer o direito de se erguerem para Deus em rogos de clemência, acorrentados como se achavam aos duros e injustos instrumentos de trabalho.

Diante de visãc tão macabra, o homem carregou o cenho indignado. O quadro se lhe afigurava por demais violento à sensibilidade de fino poeta. Seus olhos, constrangidos, buscaram o Céu. Lá no alto os urubus, de tonalidade epidérmica igual à daquela gente humilde que se crucificava, sem compreender, em tantas e cansativas atividades, singravam maciamente o espaço, saboreando a doce libertação, a dádiva maior da Natureza.

Ele enalteceu a idéia, aplaudindo-a com o coração. Ora, que nobre e magnífica lição a que a Mestre da Vida escrevia àquele instante no quadro do firmamento!

Expressava claramente não existir preconceito de côrnem mesmo entre os irracionais, a exemplo das aves, gozando os urubus de pele mulata as integrais prerrogativas dos brancos pombos, dos verdes papagaios ou dos fantasiados pavões que adornavam os jardins das casas ricas.

Expressava nitidamente não passar a escravatura de grande aberração, ofensa muito grave à lei do Senhor de Todas as Coisas, de vez que as ditas criaturas, não obstante o baixo nível cultural, constituíam também seres humanos, providos do mesmo organismo, do mesmo espírito e dos mesmos sentimentos dos demais.

Não conseguia adotar que os reduzissem a carvão importado da África, no sentido de acender a fornalha em que estavam convertendo a sua pátria, e onde os ciosos senhores-de-engenho, refestelados em plumas rêdes, alheios por completo à sorte dos miseráveis, cunhavam moedas desenfreadamente a fim de alimentar, sem o «suplício», o ventre dos seus tântalos de ferro, modelavam caprichos de ouro para o colo, braços e mãos de sêda das frívolas sinhazinhas e lembranças do mesmo metal aos amigos políticos da Côrte.

Não. No código divino não constava item algum que autorizasse tal privilégio. Urgia, o quanto antes, extirpar aquêlc corpo estranho e repugnante do coração, da sua terra bem amada.

E assim pensando, o ilustre aedo, empolgado da sagrada ira privativa dos eleitos de Deus, empunhou a pena flamejante no intuito de arrebentar com ela as algemas que prendiam ao sofrimento mal remunerado os seus irmãos de raça negra, enquanto o seu primeiro grito de revolta, na

forma do poema «Os Escravos», retumbava temível pelos ares.

O adversário revelava-se forte e feroz e reagiu drasticamente à investida, mas o poeta tinha a fibra dos bravos, dos valentes, e não se deixou impressionar com a largura política das suas espáduas.

Quando sentiu, porém, por minutos arrefecer-lhe o ânimo, (as rochas também se arrefecem) tomou-se de novo ímpeto para a refrega e o segundo brado de avante, de maior ou igual intensidade, intitulado «A Cachoeira de Paulo Afonso», seguido de tantos e tantos mais, desprendeuse-lhe do peito e propagou-se por todo o território nacional, e até pelo estrangeiro, abalando a sólida estrutura das convenções sociais e várias nações.

Sua espada, rija e respeitável como os bíceps do Tempo, cintilava mais que as lâminas do sol e os versos mitológicos de Homero.

Abundante suor já lhe gotejava da iluminada fronte e os membros se encontravam fatigados, mas ele ostentava as insignias dos guerreiros de elevada estirpe e não cedia margem às pretensões adversárias.

Em dado momento, convocando as consideráveis forças que ainda lhe restavam, numa arrancada memorável e decisiva, avançou com redobrado arrôjo para o inimigo, pros-trando-o no chão e vencendo assim, heróicamente, o primeiro e tão ferrenho combate.

Nisto um frêmito verdadeiramente paradisiaco agitou de ponta a ponta a Natureza. Os pássaros entecavam lírios verde-amarelos, as flôres acenavam-lhe com os dedos das suas pétalas e o céu, trajando a mais pomposa garança, inteiramente confeccionada com as linhas dos mais festivos arrebóis, prestava a devida continência ao glorioso vencedor.

E foi ainda sob êsses frenéticos aplausos que a sua pena, já não a invencível espada que rechaçara as facções contrárias mas áurea agulha de efeitos mágicos, teciam as possantes asas condoreiras com que ele ergueu bem alto o nome da Pátria, para que as nações do mundo inteiro lhe admirassem a superlativa e fúlvida grandeza.

E, assim, guindou-se pelas alturas, transpôs os umbrais do azul e foi até acima dos candelabros do firmamento, os quais ia êle vendo com sagrado orgulho e agradavelmente surprêso, pois que aquêles astros não se tratavam des que costumava admirar nas noites de prata, pensando na sua Eugênia, porém constelações muito mais refulgentes de estrêlas

que brotavam dos lábios dos escravos, profundamente agradecidos.

Dos olhos do poeta rolaram pérolas. A semente que lançara havia caído em solo fértil e a Liberdade, a eterna bandeira dos heróis, vista lá do alto, era a árvore mais frutífera e bela de tôda a flora cheia de Brasil.